

# SEMEAR: REVISTA DE ALIMENTAÇÃO, NUTRIÇÃO E SAÚDE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – ESCOLA DE NUTRIÇÃO

## FATORES ASSOCIADOS AO CONSUMO DE ULTRAPROCESSADOS EM CRIANÇAS: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Aline da Fraga Lima<sup>1</sup>, Alessandra da Silva Pereira<sup>2</sup>, Claudia Roberta Bocca dos Santos<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Especialista em Segurança Alimentar e nutricional, CESAN/UNIRIO  
email: alinnenut@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Professora, Departamento de Nutrição Fundamental, Escola de Nutrição, UNIRIO

<sup>3</sup> Professora, Departamento de Nutrição em Saúde Pública, Escola de Nutrição, UNIRIO

**Palavras chaves:** Ultraprocessados, Crianças, Consumo alimentar.

### INTRODUÇÃO

A alimentação é algo fundamental para a saúde de todo e qualquer ser humano. A formação de hábitos alimentares na nos primeiros anos de vida torna-se fundamental, uma vez que os hábitos desenvolvidos nesta fase da vida tendem a se reproduzir na idade adulta. Além disso, hábitos alimentares não saudáveis, com elevado consumo de processados e ultraprocessados, por exemplo, podem estar associados ao desenvolvimento de Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT)<sup>1</sup>.

O aumento do consumo de ultraprocessados nas últimas décadas pode ter sofrido influência da própria globalização, desenvolvimento socioeconômico, influência da mídia, entre outros<sup>2</sup>.

Estudos apontam que algumas características socioeconômicas podem estar associadas a maior consumo de alimentos ultraprocessados, sendo necessário, portanto, compreender melhor essas relações.

**Objetivo:** Identificar os fatores socioeconômicos que estão associados ao consumo de alimentos ultraprocessados em crianças menores de 10 anos.

### METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão de literatura, de julho a novembro de 2020, por meio de metodologia sistematizada. Para a busca, utilizou-se as bases de dados Scielo, Medline e Pubmed. Os descritores utilizados foram: renda, fatores sócioeconômicos, ultraprocessados, alimentos ultraprocessados, escolaridade, crianças, pré-escolares, escolares, nos idiomas português, inglês e espanhol. O período determinado para elegibilidade dos artigos foi entre o ano de 2015 e 2020, dado que a classificação NOVA passou a ser amplamente utilizada após 2014. Foram excluídos estudos de revisão, estudos com população-alvo de faixa etária diferente do presente trabalho, artigos que não tenham avaliado a associação entre consumo de ultraprocessados e fatores socioeconômicos.

## RESULTADOS

Foram selecionados 16 artigos que avaliaram a associação entre fatores socioeconômicos e consumo de ultraprocessados em crianças menores de 10 anos. Em alguns dos estudos analisados, foi observado elevado consumo de alimentos ultraprocessados. Três estudos apontaram que quase metade da energia consumida diariamente eram advindas de ultraprocessados<sup>3-5</sup>. Foi possível observar ainda que o consumo de ultraprocessados ocorre ainda na primeira infância, fato que requer prioridade nas agendas de saúde, visto que, estes alimentos são ricos em sódio, açúcares, gorduras, especialmente a Trans, além de serem hiperpalatáveis, o que pode modificar a curto e longo prazo, o desenvolvimento sensorial e o a modulação neuronal.

Com relação aos fatores socioeconômicos associados ao consumo de ultraprocessados, identificamos dentre os estudos analisados, os seguintes fatores: prática de aleitamento materno, escolaridade materna, renda familiar e hábitos alimentares da família.

Quanto ao aleitamento materno, observou-se que a situação socioeconômica está associada ao tempo de aleitamento materno e que quanto menor o aleitamento materno exclusivo, maior a chance de introdução precoce de ultraprocessados<sup>2</sup>. Autores citam que dentre as características socioeconômicas relacionadas ao menor tempo de aleitamento materno, pode-se citar: menor renda, baixa escolaridade materna, idade materna avançada e múltiparas<sup>6</sup>. No trabalho realizado por Ortelan, Neri e Benicio<sup>7</sup> (2020) com lactentes de 6 a 12 meses verificou-se alto consumo de AUP (58,9%). Esse resultado foi encontrado entre lactentes cujas mães tinham entre 9 e 12 anos de escolaridade, idade inferior a 20 anos, eram múltiparas e residiam em municípios com prevalência de desnutrição infantil inferior a 10%. No trabalho desenvolvido por Carvalho<sup>8</sup>, C.A *et al.* (2015) com crianças de 6, 9 e 12 meses demonstrou que crianças com menor renda familiar tiveram menos chance de pertencer ao padrão alimentar composto por fórmulas infantis. Os autores sugerem que o custo elevado das fórmulas infantis em relação a outros tipos de leite como leite de vaca e o leite materno, explica essa associação.

Com relação à relação da escolaridade materna no consumo de AUP, Batalha<sup>9</sup> *et al.* (2017) notaram através de pesquisa realizada no nordeste do Brasil que entre crianças com mais de 16 meses houve um consumo elevado de alimentos ultraprocessados e que estas crianças tinham mães com baixa escolaridade. No trabalho realizado por Longo-Silva<sup>10</sup> *et al.* (2015) no qual 36% das mães tinham menos de oito anos de estudo e 54,9% delas não eram profissionais inseridas no mercado de trabalho ou não possuíam qualificação profissional foi observado que antes do primeiro ano de vida 70,7% das crianças já haviam consumido macarrão instantâneo, 65,9% salgadinho, 67,1% chocolate, 36,9% sorvete e 68,7% biscoitos recheados. Já no trabalho realizado por Sparrenberger<sup>3</sup> *et al.* (2015) em uma amostra de 204 crianças com idade entre 2 e 10 anos na região Sul do Brasil, o aumento do consumo de alimentos ultraprocessados foi aumentando à medida que a escolaridade materna aumentava. Os resultados do estudo de Sparrenberger<sup>3</sup> *et al.* (2015) pode revelar que há diferenças regionais no Brasil quanto aos fatores socioeconômicos associados ao consumo de AUP.

Já em relação ao poder aquisitivo, Drake<sup>11</sup> *et al.* (2018), na Argentina, concluiu que a proporção de consumo energético que teve origem de produtos ultraprocessados foi maior na população de maior renda em todos os grupos populacionais. Silva<sup>12</sup>, M.A *et al.* (2019), Brasil, encontraram associação entre consumo de produtos ultraprocessados e poder aquisitivo das famílias de crianças entre 8 e 9 anos, sendo que nas famílias com maior poder econômico o consumo de tais alimentos foi mais elevado. Passos<sup>13</sup> *et al.* (2020) associaram que o preço dos alimentos ultraprocessados foi inversamente relacionado à prevalência de sobrepeso e obesidade no Brasil, principalmente na população de menor nível socioeconômico

Quanto aos hábitos alimentares da família, observou-se no trabalho realizado por Mais<sup>14</sup> *et al.* (2017) que os pais influenciam nas práticas saudáveis de alimentação, uma vez que

comportamento alimentar das crianças sofre influência dos pais. Corroborando com tal premissa, Lopes<sup>2</sup> *et al.* (2020) citam que quando as crianças possuem idade superior a 6 meses elas iniciam o ingestão da comida preparada para a família como um todo. Sendo assim, se o hábito alimentar do núcleo familiar for consumir alimentos ultraprocessados com frequência, provavelmente a criança começará a introduzi-los também em sua alimentação. Objetivando relacionar estilo de vida materno e aspectos nutricionais em pré-escolares Nobre, Brentani e Ferraro<sup>15</sup> (2016) descobriram que mães com um estilo de vida socialmente consciente tiveram filhos com melhor nutrição, enquanto as mães com estilo de vida definido como “consumista” tiveram filhos com pior nutrição.

O presente estudo apontou que a renda familiar e a escolaridade materna foram às principais características socioeconômicas associadas ao consumo de alimentos ultraprocessados em crianças<sup>2,3,6,9,11,12,13,16,17,18</sup>. Simões<sup>16</sup> *et al.* (2018) explicitaram que entre o público adulto quanto menor a renda e o nível de escolaridade menor a contribuição calórica dos alimentos ultraprocessados. Os autores supuseram que este fato pode estar relacionado ao maior valor dos alimentos ultraprocessados. Giesta<sup>6</sup> *et al.* (2019) citam em seu trabalho que quanto menor a escolaridade das mães de crianças de 4 a 24 meses entrevistadas em um hospital em Porto Alegre maior a introdução precoce de AUP.

Em relação aos alimentos ultraprocessados mais consumidos Longo-Silva<sup>10</sup> *et al.* (2015) verificaram que antes dos 12 meses a maioria das crianças havia consumido macarrão instantâneo, salgadinhos, chocolate e bolacha recheada. Karnopp<sup>17</sup> *et al.* (2017) ao analisarem isoladamente a participação de cada alimento do grupo dos ultraprocessados verificaram que o consumo de pães diminuiu de forma significativa com o aumento da renda, enquanto que em relação a outros alimentos deste mesmo grupo, como por exemplo, pizza, achocolatados em pó, sucos industrializados etc., o consumo aumentou quando a renda era maior. Possivelmente isso seja em decorrência do valor dos produtos citados. No trabalho realizado por Cuadrado-Soto<sup>19</sup> *et al.* (2018), pratos prontos e pré-cozidos, carnes e derivados e cereais foram os alimentos ultraprocessados mais destacados na pesquisa realizada.

## CONCLUSÃO

O presente estudo apontou que renda e escolaridade materna são os principais fatores socioeconômicos relacionados ao consumo de ultraprocessados em crianças e que a introdução destes alimentos é cada vez mais precoce em menores de 24 meses. Os resultados do presente estudo sugerem a necessidade de fortalecimento e ampliação das políticas de promoção de práticas alimentares saudáveis, associadas a políticas que reduzam o acesso aos alimentos ultraprocessados.

## REFERÊNCIAS

1. COSTA, C.S. *et al.*. Ultra-processed food consumption and its effects on anthropometric and glucose profile: A longitudinal study during childhood. **Nutrition, Metabolism & Cardiovascular Diseases**. 2018. <https://doi.org/10.1016/j.numecd.2018.11.003>
2. LOPES, Wanessa Casteluber *et al.*. Consumo de alimentos ultraprocessados por crianças menores de 24 meses de idade e fatores associados. **Rev. paul. pediatr.**, São Paulo, v. 38, e2018277, 14 Feb. 2020.
3. SPARRENBERGER, Karen *et al.*. Consumo de alimentos ultraprocessados entre crianças de uma Unidade Básica de Saúde. **J. Pediatr. (Rio J.)**, Porto Alegre, v. 91, n. 6, p. 535-542, dez. 2015.
4. BIELEMANN, Renata M. *et al.*. Práticas de alimentação precoce e consumo de alimentos ultraprocessados aos 6 anos de idade: Resultados do Estudo de Coorte de Nascimento de Pelotas (Brasil) 2004. **Nutrition**, v. 47, p. 27-32, 2018.

5. LONGO-SILVA, Giovana *et al.*. Age at introduction of ultra-processed food among preschool children attending day-care centers. **J. Pediatr. (Rio J.)**, Porto Alegre, v. 93, n. 5, p. 508-516, Oct. 2017.
6. GIESTA, Juliana Mariante *et al.*. Fatores associados à introdução precoce de alimentos ultraprocessados na alimentação de crianças menores de dois anos. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 7, p. 2387-2397, July 2019
7. ORTELAN, Naiá; NERI, Daniela Almeida; BENICIO, Maria Helena D'Aquino. Práticas alimentares de lactentes brasileiros nascidos com baixo peso e fatores associados. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 54, 14, 31 jan. 2020.
8. CARVALHO, Carolina Abreu de *et al.*. Fatores associados aos padrões alimentares no segundo semestre de vida. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 449-459, Feb. 2020.
9. BATALHA, Mônica Araujo *et al.*. Consumo de alimentos processados e ultraprocessados e fatores associados em crianças entre 13 e 35 meses de idade. **Cad. Saúde Pública [online]**, vol.33, n.11, e00152016, 21 nov. 2017.
10. LONGO-SILVA, Giovana *et al.*. Ultra-processed foods: Consumption among children at day-care centers and their classification according to Traffic Light Labelling system. **Rev. Nutr.**, Campinas, v. 28, n. 5, p. 543-553, Oct. 2015.
11. DRAKE, Inácio *et al.*. Description of nutrient consumption based on the level of industrial food processing: national Survey on Nutrition and Health of 2005. **Arch Argent Pediatr.**, v. 116, n. 5, p. 345-352, 1 Oct. 2018.
12. SILVA, Mariane Alves *et al.*. O consumo de produtos ultraprocessados está associado ao melhor nível socioeconômico das famílias das crianças. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 11, p. 4053-4060, nov. 2019.
13. PASSOS, Camila Mendes Dos *et al.*. Association between the price of ultra-processed foods and obesity in Brazil. **Nutr Metab Cardiovasc Dis**; v. 30, n. 4, p. 589-598, 12 Apr. 2020. <https://doi.org/10.1016/j.numecd.2019.12.011>
14. MAIS, Laís Amaral *et al.*. Parental Feeding Practices among Brazilian School-Aged Children: Associations with Parent and Child Characteristics. **Frontiers in Nutrition**, v. 4, n. 6, 21 Mar. 2017. <https://doi.org/10.3389/fnut.2017.00006>
15. NOBRE, Érica Bezerra; BRENTANI, Alexandra Valéria Maria; FERRARO, Alexandre Archanjo. Association between maternal lifestyle and preschool nutrition. **Rev. Assoc. Med. Bras.**, São Paulo, v. 62, n. 6, p. 494-505, Sept. 2016.
16. SIMOES, Bárbara dos Santos *et al.*. Consumption of ultra-processed foods and socioeconomic position: a cross-sectional analysis of the Brazilian Longitudinal Study of Adult Health. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, e00019717, 2018.
17. KARNOPP, Ediana Volz Neitzke *et al.*. Food consumption of children younger than 6 years according to the degree of food processing. **J. Pediatr. (Rio J.)**, Porto Alegre, v. 93, n. 1, p. 70-78, Feb. 2017.
18. KHANDPUR, Neha *et al.*. Sociodemographic factors associated with the consumption of ultra-processed foods in Colombia. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 54, n. 19, 10 Feb. 2020.
19. CUADRADO-SOTO, Esther *et al.*. Sources of Dietary Sodium in Food and Beverages Consumed by Spanish Schoolchildren between 7 and 11 Years Old by the Degree of Processing and the Nutritional Profile. **Nutrients**, v. 10, n. 12, 3 Dec. 2018. <https://doi.org/10.3390/nu10121880>